

06/06/20
26/19/95 7

853

Índia diz que crianças bebem e se suicidam

Allton de Freitas

RODRIGO FRANÇA TAVES

BRASÍLIA — A índia Sônia Sanches, da tribo dos kaiowas, em Dourados (MS), denunciou ontem ao presidente da Funai, Márcio Santilli, que crianças de sua tribo estão cometendo suicídio depois de tomar cachaça, que é vendida livremente nas biroskas da aldeia. Sônia relatou a Santilli casos de bebedeiras de crianças entre 5 e 13 anos de idade e disse que uma das biroskas onde as crianças compram a cachaça pertence ao filho de um funcionário da Funai, que identificou como capitão Luciano.

A denúncia foi feita durante a abertura em Brasília do 1º Encontro Nacional de Mulheres Indígenas, promovido pelo Fundo das Nações Unidas para a Mulher, pelo Conselho Mundial dos Povos Indígenas e por outros órgãos.

A primeira dama Ruth Cardoso participou da abertura do encontro, mas já tinha se retirado no momento da denúncia, depois de receber da índia Jupira, da tribo dos terenas, um cocar de plumagens brancas. Jupira disse que o cocar é da tribo paumary, do Acre, e tinha sido recebido de presente por ela no ano passado.

— Não quero mais ver crianças tomando pinga na minha frente e se enforcando bêbadas — disse a índia a Santilli, depois de contar que há duas semanas salvou da forca um menino índio bêbado, de oito anos, e que há quatro meses uma índia de 13 anos, igualmente bêbada, se enforcou depois de brigar com a mãe por um pedaço de sabão.

— Tem dias que não posso nem sair de casa porque fico com dó de ver tantas crianças bêbadas na estrada. Depois que bebem, as crianças ficam loucas e vão se enforcar ou tomar veneno — contou ela.

Santilli se disse chocado com a denúncia e pediu à índia os nomes dos funcionários da Funai implicados, prometendo providências.



Dona Ruth põe um cocar na cabeça, depois de abrir o encontro

Dona Ruth desdenha a 'maldição do cocar'

HELENA CHAGAS

Ao se deixar enfeitar com um cocar indígena, a primeira dama e antropóloga Ruth Cardoso mostrou não acreditar na chamada "maldição do cocar". Mas que ela existe, existe, garantem políticos que não passam nem perto do adorno indígena já usado por

Mário Andreazza, Tancredo Neves, Ulysses Guimarães e Fernando Collor, entre outros menos afortunados.

Temendo a lenda segundo a qual os objetos indígenas seriam fonte de azar, os ex-presidentes José Sarney e Itamar Franco, por exemplo, sempre declinaram desse tipo homenagem. Por acaso ou não, o fato é que permanecem na atividade política.